

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819121	
CAPÍTULO 2	14
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819122	
CAPÍTULO 3	25
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819123	
CAPÍTULO 4	40
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819124	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819125	
CAPÍTULO 6	66
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819127	
CAPÍTULO 7	73
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819128	

CAPÍTULO 8 81

ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE

Gleíza Guerra de Assis Braga
Antonio Nilson Gomes Moreira
Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.1311819129

CAPÍTULO 9 94

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA

Erica de Oliveira Gonçalves
Marinês Verônica Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.13118191210

CAPÍTULO 10 104

COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO

Thais Stefani Donato Lima
Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.13118191211

CAPÍTULO 11 121

CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

Irani Campos Marchiori
Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias

DOI 10.22533/at.ed.13118191212

CAPÍTULO 12 131

CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
José Aluísio Vieira
Mirian Nere
Rodrigo Leite da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191213

CAPÍTULO 13 135

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

Germana Ponce de Leon Ramírez
Ariana Dias Machado Tavares Alves
Suellen Contri Mazzo
Vanessa Pires Rocha Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.13118191214

CAPÍTULO 14 145

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

Veruska Ribeiro Machado
Rosa Amélia Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191215

CAPÍTULO 15	163
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191216	
CAPÍTULO 16	175
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191217	
CAPÍTULO 17	183
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191218	
CAPÍTULO 18	198
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191219	
CAPÍTULO 19	213
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191220	
CAPÍTULO 20	222
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191221	
CAPÍTULO 21	233
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191222	
CAPÍTULO 22	240
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191223	

CAPÍTULO 23 249

O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS

Talita Silva Perussi Vasconcellos

Rosimeire Maria Orlando

DOI 10.22533/at.ed.13118191224

CAPÍTULO 24 259

PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO

Ana Claudia Tenor

Débora Deliberato

DOI 10.22533/at.ed.13118191225

CAPÍTULO 25 273

PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS

Wellington Alves Piza

Camila Maria De Souza Silva

Rafaela Franco Dias Bruzadelli

Leticia Marques Ruzzi

Gabriella Ramos de Menezes Flores

Poliana de Faria Cardoso

Talita Amparo Tranches Candido

Caroline de Souza Almeida

Ingridy Simone Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.13118191226

CAPÍTULO 26 277

PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS

Giselly dos Santos Peregrino

DOI 10.22533/at.ed.13118191227

CAPÍTULO 27 286

PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC

Ana Júlia Rosa

Lisiane Tuon

Angela Cristina Di Palma Back

DOI 10.22533/at.ed.13118191228

CAPÍTULO 28 295

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR

Juliana Gisele da Silva Nalle

Claudionei Nalle Jr

DOI 10.22533/at.ed.13118191229

CAPÍTULO 29 303

SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Paulo Ivo Silva de Medeiros

Maria Luisa Quinino de Medeiros

Leandro dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.13118191230

CAPÍTULO 30	314
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191231	
CAPÍTULO 31	321
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191232	
CAPÍTULO 32	328
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191233	
CAPÍTULO 33	338
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁXIS DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191234	
CAPÍTULO 34	348
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191235	
CAPÍTULO 35	357
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191236	
SOBRE A ORGANIZADORA	364

A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES

Renata de Oliveira Sbrogio

FAAC - UNESP, Bauru/SP

Maria da Graça Mello Magnoni

FAAC - UNESP, Bauru/SP

RESUMO: A formação crítica para a leitura e interpretação tornou-se ainda mais necessária na sociedade pós-industrial e, saber lidar com a informação, tornou-se uma necessidade formativa em constante mudança para atender ao trabalho humano em sua atuação também no contexto digital. Por isso, o presente estudo tem por objetivo analisar a prática do jornal escolar no letramento informacional de futuros educadores, de forma que se sintam aptos a reproduzir tal atividade educativa na sua práxis profissional de forma consciente, organizada, produtiva e transdisciplinar, além de criativa e autônoma. Para que isso ocorra de maneira produtiva, a educomunicação precisa estar presente já no processo de formação dos novos educadores, com o intuito de conduzir para uma formação informacional crítica em relação à busca, seleção e recriação de informações diversas. Com base em uma pesquisa bibliográfica, atentamos para essa prática é uma das metodologias educacionais que podem promover o letramento informacional e deve ser utilizada desde a formação de futuros educadores.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal Escolar. Educomunicação. Formação de Educadores. Letramento Informacional.

ABSTRACT: The critical training to reading and interpreting became even more necessary in the Post-industrial society; and knowing how to deal with information became an ever-changing necessity in order to provide qualified human labor also in digital environments. Therefore, the present study aims to analyze the effects of a School Newspaper Project for a better future educators' information literacy, so that they are able to play such an educational activity in their professional practices in a conscious, organized, productive, and transdisciplinary way, in addition to a creative and autonomous process. For productively developing this, the educommunication needs to be already present in the procedures of training new teachers, with the aim of leading to a formation of informational criticism related to the search, selection and re-creation of diverse knowledge. Therefore, based on a literature review, we consider that this kind of practice is one of the educative methodologies which can promote the information literacy and which should be used in the training of future educators from the beginning.

KEYWORDS: School Newspaper. Educommunication. Teacher Education.

1 | INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a necessidade de formar leitores críticos já na educação fundamental. Sabemos que essa formação não é um processo simples, nem rápido. É necessário desenvolver nos alunos muitas habilidades e competências para este feito, incluindo uma alfabetização e letramento efetivos.

Essa formação crítica para a leitura e interpretação tornou-se ainda mais necessária na sociedade pós-industrial e intensificou-se na chamada de Sociedade da Informação. Já não são suficientes os conhecimentos básicos de leitura e escrita. É imprescindível saber manusear, com certa desenvoltura, muitos dos aparatos digitais (mídias) que compõem as tecnologias de informação e comunicação, sendo, dessa forma, necessário pensar em outros tipos de “alfabetização”, ou de “alfabetizações”, como firma GRÁCIA, (2006, p.69).

Para Libâneo (2002, p. 164), “Quem domina as mídias acaba por dominar as cabeças, as emoções, os sentimentos, as decisões das pessoas [...]”. O letramento informacional, pensado no sentido de “domínio” das informações midiáticas, é um instrumento de formação que pode ser fomentado no sentido contrário ao da dominação negativa e ser revertido no sentido de preparo para o “não ser dominado”.

A informação, em nosso atual contexto, assume papel de ator principal, por isso, denominou-se a Sociedade “da Informação”. Em grandes quantidades e circulação livre pela rede, saber lidar com a informação é o fator que, hoje, diferencia os sujeitos nessa sociedade.

A informação é um caminho de acesso ao conhecimento, é um instrumento de aquisição de conhecimento. Mas, por si só, ela não propicia o saber, não leva as pessoas ao mundo do conhecimento, ela precisa ser analisada, interpretada, retrabalhada. (LIBÂNEO, 2002, p. 165).

Não se discute aqui a questão do acesso à informação, ou da inclusão digital, mas do tratamento que se dá quando se tem o acesso, e de como é possível favorecer uma formação docente para essa questão informacional que nos atinge, e quão importante é esta formação para o pensamento crítico, criativo e autônomo dos futuros educadores, também no sentido de perpetuação desse letramento informacional.

As decisões mais eficazes dependem da competência em buscar informações de pontos de vista diferenciados, organizá-las e apreendê-las, considerando a experiência pessoal de cada indivíduo, para se chegar a uma conclusão, mesmo que provisória. “A esse processo sistematizado e metódico de organizar a informação denominamos ‘pensamento reflexivo’.” (GASQUE, 2012, p. 18). Dessa forma, o letramento informacional é a forma de capacitar para a busca e uso da informação “de maneira eficiente e eficaz” (Idem, 2012, p. 19).

Para Gràcia (2006, p. 70) a terminologia e conceitos sobre “alfabetizações” que encontramos são muitos mas, o que está claro que existe, e é necessária, é uma alfabetização “diferente’ do mero uso de computadores e seus programas, e que tem sido chamada, também, de alfabetização digital. Para o autor, “a alfabetização em informação transcende o mero uso instrumental de um computador e se preocupa em melhorar aquilo para o qual serve um computador, para gerenciar melhor a informação.” (GRÀCIA, 2006, p. 71, tradução nossa).

Já no início do século passado, o professor primário Celèstin Freinet acreditava e defendia a importância da prática do jornal escolar para a formação de leitores e escritores críticos, mas não só. Freinet desenvolveu inúmeras técnicas educacionais, muito antes de falar-se em Educomunicação, como por exemplo, a intercorrespondência escolar e a imprensa escolar e, com estas e tantas outras técnicas, iniciou o que ele mesmo descreve como uma “reviravolta pedagógica total” (FREINET, 1974, p.8).

Consideramos que, nos dias atuais, as práticas educacionais continuam sendo fundamentais na práxis docente, principalmente com o surgimento das inúmeras tecnologias de informação e comunicação ao qual estamos expostos diariamente e que nos exigem uma atuação crítica frente ao contato direto e constante com informações diversas. Essas mesmas tecnologias, são elementos que podem ser utilizados na técnica do Jornal Escolar, desde a pesquisa de informações até a edição, diagramação e impressão dos jornais, de forma que os alunos podem participar do processo completo de produção de uma mídia informativa, elevando os níveis de consciência e criticidade no consumo e compartilhamento de informações.

Para Gasque,

[...] o *letramento informacional*, capacita os aprendizes a buscar e usar a informação de maneira eficiente e eficaz. Transcende a alfabetização informacional ou a mera decodificação de um código, possibilitando a aplicação desses processos no cotidiano. Os aprendizes aprendem, por exemplo, a usar dicionários, enciclopédias, elaborar referências e citar autores para escrever artigos ou estruturar uma pesquisa. O letramento traz a ideia de funcionalidade. (GASQUE, 2012, p. 19, grifo da autora)

Esse “pensamento reflexivo”, no processo de pesquisa, busca e seleção das informações e notícias, é o que se pretende alcançar (ensinar) por meio da técnica do Jornal Escolar, em qualquer nível educacional em que seja realizado.

A dificuldade está no fato de que, em geral, os aprendizes não são formados para buscar informações em fontes diversificadas, comparar diferentes pontos de vistas, adotar critérios para avaliá-las ou organizar e analisar as informações. (GASQUE, 2012)

Diante das preocupações acima expostas, este estudo alerta para a importância de projetos educacionais, como o jornal escolar, para a formação de cidadãos não só alfabetizados mas, letrados, para o uso autônomo e criativo de informações. Contudo, para obter-se os resultados esperados de letramento informacional na

educação fundamental, é preciso que esta prática seja iniciada já na formação dos futuros educadores, na Educação Superior, nos cursos de Licenciatura.

Um bom projeto de jornal escolar para o letramento informacional de futuros educadores deve estabelecer atividades pedagógicas que consistam no processo de pesquisa, desenvolvimento, produção e distribuição do produto final, para que todos os envolvidos, desde a comunidade escolar e além dela, o maior número de pessoas tenha acesso aos conhecimentos produzidos.

Dessa forma, com base em uma revisão bibliográfica, o presente estudo pretende apresentar as fases necessárias para um bom projeto de jornal escolar, priorizando as técnicas da Pedagogia Freinet, atentando para sua importância no letramento informacional dos educadores ainda em formação.

2 | LETRAMENTO INFORMACIONAL E A FORMAÇÃO DE FUTUROS EDUCADORES (E EDUCACOMUNICADORES)

Há quase um século atrás, Freinet (1974, p.6) apontava para as evoluções tecnológicas do seu tempo e afirmava que “cada época tem uma linguagem e utensílios que lhe são próprios”.

Estamos actualmente na aurora de um novo período: a imprensa impôs a tal ponto a sua soberania que mesmo o manual mais rico não passa de um ‘ersatz’ da riqueza gráfica posta à disposição de todos pela técnica contemporânea. A própria escrita manuscrita tende a minimizar-se num mundo em que a máquina de escrever, a poligrafia, o disco, a rádio, o cinema, a televisão, o gravador, intensificam e aceleram a intercomunicação e as trocas. (FREINET, 1974, p. 6, grifos do autor).

Hoje, abarcamos uma evolução sem igual no que se refere às tecnologias de informação e comunicação. Tais avanços tecnológicos, principalmente a difusão da internet e a conexão por banda larga e sem fio, trouxeram uma nova experiência de acesso e produção de informações, assim como modificou a realidade da aprendizagem da população em geral, exigindo cada vez mais uma “educação digital” que prioriza as habilidades e competências do letramento informacional.

Para a pesquisadora australiana Christine S. Bruce (2003), a alfabetização em informação ou *information literacy*, (que no contexto do estudo de Bruce se equipara ao nosso termo letramento) é

[...] como un conjunto de aptitudes para localizar, manejar y utilizar la información de forma eficaz para una gran variedad de finalidades. Como tal, se trata de una “habilidad genérica” muy importante que permite a las personas afrontar con eficacia la toma de decisiones, la solución de problemas o la investigación. También les permite responsabilizarse de su propia formación y aprendizaje a lo largo de la vida en las áreas de su interés personal o profesional. (BRUCE, 2003, p. 289)

Podemos pensar, assim, no letramento informacional sob a perspectiva de sete “faces”, ou categorias, conforme Bruce (2003, p. 289-293) elenca:

- A **Categoria 1**, que compreende a concepção baseada em tecnologias da informação: Aqui, a alfabetização informacional é vista como o uso de tecnologias de informação e comunicação para a recuperação de informação e comunicação básica.
- A **Categoria 2** é a concepção baseada nas fontes de informação, em que a alfabetização (ou letramento) informacional consiste em saber pesquisar, encontrar a informação nas fontes.
- A **Categoria 3** é a concepção baseada na informação como um processo, ou seja, o letramento informacional é visto como a execução de um processo, um conjunto de ações.
- A **Categoria 4** refere-se à concepção baseada no controle da informação, o saber como controlar a informação.
- A **Categoria 5** é a concepção baseada na construção do conhecimento: o letramento informacional é visto, aqui, como a construção de uma base de conhecimento pessoal.
- A **Categoria 6** refere-se à concepção baseada na extensão do conhecimento: aqui, o letramento informacional está relacionado em como se trabalha com conhecimento adquirido e as perspectivas pessoais adotadas de tal forma que novos pontos de vista são obtidos.
- E, a **Categoria 7**, que diz respeito à concepção baseada no “saber”, ou conhecimento: neste ponto o letramento informacional é visto como o uso inteligente da informação para o benefício dos outros.

Observando esse conjunto de habilidades, compreende-se que o letramento informacional vai além do simples buscar, copiar e colar informação. O uso inteligente de informação, a adoção de valores éticos e morais do seu uso em diferentes contextos, são elementos importantes a se considerar na formação de futuros educadores.

Por meio da atividade do jornal escolar é possível transformar uma simples prática de busca e uso de informação em um processo de letramento informacional que intervém na forma de organizar a informação em busca de sua convergência para o conhecimento.

De fato, é necessário estarmos atentos ao processo de educar e, “Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (FREIRE, 1996, p. 33).

Ponderamos, assim, que educar é um processo necessário a formação de cidadãos críticos e politicamente ativos e, o letramento informacional, é formação fundamental para se aprender a educar.

3 | A PRODUÇÃO DO JORNAL ESCOLAR E O LETRAMENTO INFORMACIONAL

Conforme já apontamos, a técnica do Jornal Escolar é uma das atividades pedagógicas educacionais que podem auxiliar no letramento informacional dos alunos de licenciaturas diversas.

Utilizado por Freinet, o jornal escolar já foi produzido de diversas formas: manuscrito, por linogravura (técnica de impressão que utiliza o linóleo como matriz), policopiado (a exemplo do antigo mimiógrafo), limografado e impresso.

As tecnologias e processos de impressão muito evoluíram depois de Freinet e, hoje, as possibilidades de utilização da técnica do Jornal Escolar são ampliadas. Com isso, vamos nos concentrar em duas possibilidades principais, sendo o Jornal Escolar impresso e o digital.

Falaremos, primeiramente, da técnica para o jornal impresso que, hoje, já não encontra dificuldades em ser realizado em qualquer que seja o nível de ensino, uma vez que existem tecnologias diversas para a realização de tal prática, com possibilidades pedagógicas muito abrangentes, principalmente considerando-se a Educação Superior, que aqui nos interessa.

Contudo, o jornal impresso já não é a única opção de que dispomos na atualidade. É possível convergir tal prática para um jornal escolar digital/virtual, o que minimiza os custos e tem a possibilidade de ser “distribuído” para um número muito maior de leitores, podendo ser realizado no formato de *blog*, *telejornal* (vídeo) ou *podcast*, como veremos no item 4 deste estudo.

Para apoiar a prática do Jornal Escolar e melhorar os conhecimentos sobre essa técnica e suas possibilidades, existe um ambiente virtual dedicado ao tema, o portal do Jornal Escolar (www.jornalescolar.org.br/), que “É uma iniciativa do Comunicação e Cultura, uma OSC fundada no Ceará em 1988, que promove o jornal estudantil, escolar e da turma desde 1996.” (JORNAL ESCOLAR, 2018). O acesso ao portal é gratuito, bastando realizar um cadastro.

Por meio do portal Jornal Escolar, os educadores têm acesso às informações pertinentes ao processo de criação, produção e impressão de um jornal escolar, incluindo acesso às obras de Cèlestin Freinet, além de disponibilizar espaço para publicação online dos jornais produzidos pelas escolas parceiras.

É importante ressaltar o fato de que, como estamos tratando da educação de adultos, diferentemente da técnica utilizada para a educação infantil e fundamental, e como atenta o próprio Freinet:

[...] as fórmulas que estabelecemos experimentalmente e que correspondem às nossas necessidades de crianças e educadores do primeiro grau não devem ser transpostas sem modificações para outros meios. Cabe aos educadores desses graus a tarefa de adaptar as nossas próprias realizações e êxitos às suas próprias classes. (FREINET, 1974, p.37-38)

Por isso, consideramos de suma importância, que o professor mediador da técnica seja de todo observador, para encontrar os melhores métodos e caminhos para cada projeto e turma, adequando o trabalho de forma a oferecer o máximo de aprendizado em cada instância, em busca do processo de autonomia educacional, pessoal e social. Porque,

Aqui, a plena autonomia (ou o mais próximo possível disso), inclusive em relação ao próprio mercado, depende de processos educativos nos quais a escola e o professor têm papel central como organizadores de um olhar crítico revelador dessas perversidades. (PRETTO; SILVEIRA, 2008, p. 72)

Com isso, cada uma das etapas aqui propostas, estão reformuladas com base nas necessidades de formação na Educação Superior, do futuro educador.

Ressaltamos que, “A efetivação do potencial do jornal escolar precisa de um pensamento orientador, pois o fato de publicarmos um jornal bonito e com muitas páginas não significa, necessariamente, que ele trouxe algum benefício aos alunos” (RAVILOLO, 2012, p.1).

Para isso, consideramos necessário, além do bom conhecimento e planejamento da técnica, o refletir mais detalhado de cada momento do processo para um bom desenvolvimento da aprendizagem, como falaremos a seguir.

3.1 Apresentação do projeto

A apresentação do projeto aos alunos tem o propósito de explicar diretamente cada etapa que será realizada antecipadamente, evidenciando a ordem, os processos, as dificuldades e, principalmente, os objetivos gerais do trabalho que será realizado, além de seus objetivos mais específicos.

Nesta etapa é essencial que os alunos compreendam que todo o processo será uma construção coletiva e, a ajuda e apoio de todos, é fundamental. Cada um com seus conhecimentos, habilidades e competências, poderá ajudar ao longo do trabalho.

Obter todas as explicações necessárias para sanar as dúvidas iniciais que surjam é importante porque, “O jornal escolar é uma experiência de vida para o aluno, que se mobiliza para comunicar. Nesse engajamento, ele desenvolve seu julgamento e criatividade” (RAVILOLO, 2012, p.2).

Todos os detalhes devem ser repassados e assimilados, para que o trabalho seja colaborativo e mediado corretamente. Os temas são discutidos e analisados, o processo de impressão definido e o trabalho de elaboração tem seu início, como veremos a seguir.

3.2 Divisão dos grupos de trabalho

Nesta etapa, os alunos organizam-se em grupos de pesquisa, com o qual permanecerão ao longo do projeto, dividindo-se nas atividades, por afinidade, habilidade ou vontade de aperfeiçoamento. Aqui o professor mediador não deve interferir, agindo

apenas como orientador do processo e ajudando aos alunos a tomarem as decisões mais assertivas.

Na produção coletiva, todos os alunos devem participar de todas as etapas. O tema do texto deve ser escolhido em comum acordo, a redação e a ilustração são feitas em conjunto. O grande desafio é manter a identidade individual, algo mais fácil se os grupos de trabalho forem pequenos (não mais do que 4 ou 5 alunos). Trata-se de uma maneira de trabalhar bastante exigente para o educador. (RAVILOLO, 2012, p.10, grifo do autor).

Dessa forma, o número de alunos em cada grupo deve ser o suficiente para a realização organizada e produtiva do projeto, contudo, isso deve ser determinado pelo professor mediador, de acordo com a necessidade, número de alunos por turma ou outro fator importante, podendo, inclusive, que os grupos sejam compostos de forma heterogênea, com integrantes de períodos/turmas em diferentes estágios de formação, possibilitando uma maior interação entre os mesmos, assim como fazia Freinet, misturando alunos de várias idades em um mesmo projeto.

3.3 Atribuição de temas

A divisão dos temas deve ser democrática para que se mantenha o trabalho produtivo e cooperativo. Ainda que sejam os temas previamente selecionados e, por isso, “impostos” até certo ponto, o conteúdo a ser desenvolvido deverá ser livre. Observa-se que, pode ser permitida a troca dos temas entre os grupos, caso haja necessidade ou interesse.

Vale lembrar que,

Dentro de uma visão de coerência pedagógica, ao contrário, o produto (o jornal, na sua dimensão material) expressa o resultado de um processo de ensino-aprendizagem, assim como a vivência dos alunos durante sua produção. O aluno produz mídia testando e ampliando, com ajuda do educador, os limites de seus conhecimentos. (RAVILOLO, 2012, p.2)

Planejando cuidadosamente os temas que os alunos deverão pesquisar, assim como, organizando os recursos que serão utilizados para tal e escolhendo cuidadosamente as tecnologias de informação e comunicação que serão utilizadas, é possível realizar um projeto com a prioridade nos conteúdos relacionados às necessidades vigentes na formação docente. Dessa forma, os alunos vão exercitando e desenvolvendo habilidades de busca, seleção e recriação de informações, habilidades estas que são consideradas essenciais no processo do letramento informacional.

É importante ressaltar que,

Limitado aos gêneros jornalísticos, o jornal fica engessado e mesmo empobrecido – sobretudo se toma feições de boletim institucional da escola. Ao contrário, se libertamos as forças da criatividade, o jornal escolar se apresentará como um patchwork de textos, cuja graça está na diversidade e na autenticidade das produções dos alunos. (RAVILOLO, 2012, p.4).

Para Raviolo (2012), existem três desafios pedagógicos na prática do jornal escolar: a escolha dos conteúdos, o aprimoramento dos conteúdos e a seleção das produções para o jornal.

Com isso, este tipo de projeto educacional se adequa perfeitamente em projetos inter e transdisciplinares, assim como é possível de ser aplicado em qualquer disciplina de formação fundamental, média ou superior. “Uma possibilidade para reduzir o número de textos a selecionar é realizar produções cooperativas, com participação de vários alunos” (RAVIOLO, 2012, p.10).

Com os grupos formados e temas divididos, os alunos começam o processo de **pesquisa das informações** necessárias para a **criação de um texto informativo**, que é corrigido pelo professor orientador do projeto, antes de ser colocado no jornal. Para conseguir essas informações os alunos podem consultar qualquer material informativo, desde livros, revistas, jornais e até mesmo a internet, ressaltando-se a necessidade de uso crítico na obtenção das informações, assim como o uso de fontes confiáveis para a elaboração da pesquisa.

Terminada a pesquisa inicial, os alunos devem selecionar e analisar os textos pertinentes ao trabalho de construção de um novo texto.

3.4 Pesquisa e produção textual

A escrita e correção dos textos seguem a afirmativa da necessidade adaptativa da técnica Freinet pois, não seria pertinente aceitar textos mal escritos no Ensino Superior, portanto, deve haver a intervenção com relação ao produto textual apresentado pelos alunos. Não se trata, aqui, de tolher a criatividade ou privar a opinião dos alunos e, sim, aproveitar a oportunidade da escrita para aperfeiçoá-la.

Também é aconselhável

[...] respeitar a liberdade de expressão e de pensamento dos alunos, condicionada a algumas normas básicas, como a obrigação de “ouvir o outro lado” e mesmo conceder direito de resposta. É claro que, em nenhuma hipótese, a liberdade de expressão pode ser entendida como direito de difamar, caluniar ou invadir a privacidade de outras pessoas. (RAVIOLO, 2012, p.7).

E essa é mais uma oportunidade de formação que advém desta técnica, o de saber/aprender a colocar-se e postar-se nas situações adversas para respeitar opinião e pontos de vista diferentes.

3.5 Diagramação e montagem do jornal escolar

Após a correção e aprovação dos textos informativos recriados pelos alunos, começa a fase de **diagramação do jornal**, que é feita em um editor de texto (ou outro *software* adequado ao trabalho em questão e que seja de acesso livre, preferencialmente), onde base do jornal, assim como seu aspecto visual, será previamente organizada, para que todos sigam o mesmo padrão estético, alcançando

ao máximo sua similaridade a um produto jornalístico de qualidade.

É importante ressaltar, aqui, que a preocupação principal não deve ser a de usar um recurso profissional de edição mas, adaptar o projeto ao melhor recurso disponível entre os alunos e instituição de ensino.

O jornal escolar deve ser “realização original” e, “a sua apresentação, no entanto, nem por isso deixa de obedecer a um certo número de regras que procuram obter, no gênero que se previu, um máximo de perfeição” (FREINET, 1974, p. 28).

Ainda segundo Freinet (1974, p. 28-29), o jornal escolar deve seguir um conjunto de regras na sua apresentação:

a) O jornal deve ser bem impresso. A perfeição da tiragem, é uma condição ‘sine quá non’ do êxito de um jornal, seja qual for, mesmo de um jornal escolar.

Deve estabelecer-se como princípio e como regra que só se imprime um texto normalmente composto e sem erros; que a equipa deve funcionar com a maior aplicação, com uma boa tintagem e uma pressão uniforme. As máquinas automáticas param quando um incidente anormal compromete a tiragem. As crianças deverão parar quando o resultado não está a ser satisfatório.

b) O texto deve ser ajustado, isto é, as linhas devem ter, tanto quanto possível, o mesmo comprimento.

c) É preciso ter um cuidado muito especial com a composição de cada página. É neste ponto que julgo dever incidir o essencial da iniciação e da aprendizagem. A arte da edição é, em grande parte, a arte de compor uma página.

d) O texto deve estar perfeito e sem gralhas.

e) **O jornal deve ser ilustrado.**

Para isso, os alunos devem seguir as instruções que constam no modelo de diagramação, que deve ser previamente disponibilizado, identificando os elementos constitutivos do jornal, como tamanho de fonte do título e subtítulo, texto em colunas (para facilitar a leitura do texto), e uma unidade de padrão visual em todos os jornais. Além disso, “é preferível não meter numa página senão metade do texto mas numa forma equilibrada, bem espaçada e agradável, que apresentar um material compacto que é indigesto e não apetece ler” (FREINET, 1974, p. 28).

Com este processo, os alunos aprendem a buscar a informação, interpretá-la, tratá-la e reconstruí-la, que é também objetivo para o letramento informacional.

Na montagem e diagramação dos jornais, é possível escolher entre o formato de cartazes, para serem expostos em murais, ou no formato de lâminas (folhas de papel dobradas ao meio).

3.6 Finalização e impressão (ou montagem) do jornal escolar

Depois de diagramado e pronto para impressão, os alunos precisam preparar o arquivo do jornal para a etapa de impressão e, com isso, têm a oportunidade de aprender sobre o processo de **impressão em pdf** (*Portable Document Format*, que é um padrão aberto para troca de documentos eletrônicos, amplamente aceito pelos equipamentos de impressão em gráficas digitais).

A impressão, geralmente, é feita em gráfica “rápida” digital por ser mais viável do que se obter equipamentos de impressão de qualidade dentro das instituições de ensino.

Esta etapa é de importante realização pois, além das habilidades de letramento informacional, o aluno tem a possibilidade de desenvolver habilidades para o seu letramento digital e, aos poucos, vai deixando de ser apenas mero consumidor informações e de tecnologias para ser autor e produtor de conteúdo, além de um usuário crítico das mesmas. Com isso, podemos afirmar que a técnica do Jornal Escolar viabiliza muitos letramentos (ou multiletramentos, como se tem conceituado na atualidade) além do informacional.

Assume-se a postura de educador e comunicador, ao “*Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*” (FREIRE, 1996, p. 47, grifo do autor).

Por fim, após impressos em papel, os alunos **afixam nos murais** ou **entregam seus jornais** para serem distribuídos ou expostos de forma a atingir o maior número possível de leitores.

Ao final de todo o processo, deseja-se que o futuro educador, agora com maior domínio no processo de gerir informação, esteja apto a realizar sua função docente de maneira mais “comunicativa” e inteligível, tornando-se um educador mais completo, melhor preparado para educar e continuar educando-se na Sociedade da Informação, sendo um educador, mediador entre a informação e o conhecimento.

4 | JORNAL ESCOLAR EM CONTEXTO DIGITAL

A técnica do Jornal Escolar é, hoje, perfeitamente adaptável ao contexto digital em que vivem os alunos da Educação Básica, em especial no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, por já estarem com seu processo de alfabetização e letramento mais acurado.

Diante dessa oportunidade, torna-se importante formar os futuros educadores para lidar com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação, de forma que consigam realizar a técnica da maneira mais adequada a cada tipo de turma, disciplina e conteúdo, desde a escolha da tecnologia a ser utilizada, que deve ser realizada, sempre, de acordo com os objetivos de aprendizagem propostos.

Pode-se, assim, utilizar a técnica na forma de *blogs* (*weblog* – diários virtuais), *microblogs* (*blogs* de escrita limitada, como o Twitter) vídeos ou, até mesmo, com *podcasts* (gravações de áudio).

Sobre os *blogs* e *microblogs*, Valente e Mattar (2007, p. 99) destacam que a “facilidade de criação e publicação, a possibilidade de construção coletiva e o potencial de interação, inclusive com leitores desconhecidos, tornam os blogs uma ferramenta pedagógica de destaque para a educação à distância”. Acreditamos que todo esse

potencial se estende, também, na educação presencial, como a prática do jornal escolar.

Já os “*Podcasts* são arquivos digitais de áudio ou vídeo que, dentre outras funções, podem ser baixados e transferidos para dispositivos móveis.” (MATTAR, 2013, p. 103). O som é um dos elementos essenciais da *web*, por isso, desempenha papel primordial na educação. (VALENTE E MATTAR, 2007, p. 115).

Independente da tecnologia ou formato que o educador escolher para trabalhar com a técnica do jornal escolar digital, todo o processo deve começar pela escolha e distribuição dos temas, depois a pesquisa e produção textual, retomando, sempre, a premissa de que nada contraponha o “texto livre”, de forma a não criar barreiras ou limitações criativas aos alunos, o que não elimina a atenção e o trabalho de observação e correção metódica do professor naquilo que julgar necessário, visto que, como já pontuamos anteriormente, a prática em questão ocorre no Ensino Superior.

No caso do jornal escolar digital deve-se, também, seguir os processos já descritos nos itens 3.1 a 3.5 deste estudo. Mais especificamente com respeito ao item 3.5, a montagem e diagramação do jornal, alerta-se que deverá ser adaptada de acordo com a tecnologia escolhida, portanto, não há como prever aqui todas as hipóteses, já que as tecnologias disponíveis são as mais diversas. Contudo, tentaremos propor algumas das iniciativas possíveis na organização da técnica no meio digital.

4.1 O Jornal Escolar Digital: possibilidades

No processo inicial da técnica do jornal, a produção textual, uma das tecnologias indicadas é o Google Drive (www.drive.google.com). Não apenas por ser um software gratuito mas, também, por conter recursos de escrita colaborativa, o que facilita bastante o trabalho cooperativo da escrita. Nesse sentido, como afirmam Pretto e Silveira,

Produzir informação e conhecimento passa a ser, portanto, a condição para transformar a atual ordem social. Produzir de forma descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar os espaços, todos os espaços, através das redes. Nesse contexto, a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana. Isso inclui reorganizações da língua escrita e falada, as idéias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana. (PRETTO; SILVEIRA, 2008, p. 78)

É importante utilizar esta etapa para conduzir a escrita reflexiva e crítica dos textos que serão publicados.

No caso do formato escolhido para o jornal seja o dos *blogs*, o texto pode ser redigido direto na plataforma escolhida. São inúmeros os serviços e mídias que dispõem recursos para realização de *blogs*, entre eles, podemos citar o **Blogger** (www.blogger.com), que apresenta uma *interface* intuitiva e grande quantidade de recursos

de publicação. Além disso, o serviço é gratuito e não coloca limites de utilização. “A facilidade para sua criação e para a publicação de posts, a possibilidade de colaboração e seu potencial de interação posicionam o blog como uma ferramenta de destaque na educação contemporânea” (MATTAR, 2013, p. 79).

Outro recurso é o **Wordpress** (pt-br.wordpress.com), que disponibiliza diversos *templates* (modelos prontos) para facilitar a montagem (diagramação) e o jornal escolar pode ganhar um visual bastante diferenciado, se diagramado de forma bem planejada. Recomenda-se também, o **Tumblr** (www.tumblr.com) que tem um funcionamento semelhante às plataformas Blogger ou WordPress.

Dentro dos *blogs*, a informações não precisam ser, unicamente, no formato de texto. Gravações em vídeo e ou de áudios, feitos por meio de máquinas fotográficas digitais, celulares ou *smartphones* com função de gravação de vídeo e/ou voz, podem ser opções para um jornal digital mais dinâmico, seguindo as preferências do público a atingir.

No caso de vídeos, ou telejornal, podem ser utilizados o **Youtube** (www.youtube.com), “O lar dos vídeos online [...]” (MATTAR, 2013, p. 109) ou o **TeacherTube** (www.teachertube.com) como canais de veiculação. Este último mais indicado para o uso educacional, também é o mais seguro no uso com alunos menores de 18 anos, já que a técnica será reproduzido em níveis fundamentais de ensino.

No caso de áudios, os *podcasts*, o **Sound Cloud** (<http://soundcloud.com/>) é uma das plataformas indicadas. Um exemplo deste recurso é o canal do Ministério da Educação, que se pode acessar neste endereço: <https://soundcloud.com/mineducacao>. Nele, encontram-se diversos *podcasts* com notícias sobre educação.

Para a edição dos áudios, um recurso livre disponível é o **Audacity**: audacity.sourceforge.net (MATTAR, 2013, p. 103).

Moreira e Monteiro (2012, p. 78) destacam que é importante “[...] desenvolver objetos audiovisuais que possam criar dinâmicas comunicativas e interativas próprias [...]”, porque, “A sociedade em que vivemos é dominada pela informação, veiculada pelos mais diversificados meios e oferecida nas mais variadas linguagens, destacando-se, sobretudo, a linguagem visual” (Idem, 2012, p. 80). Com isso, a escolha pelo formato audiovisual para o jornal escolar tem uma lógica, que é destacada pelos autores:

[...] estamos rodeados de imagens, que se sucedem e se multiplicam vertiginosamente, através da publicidade, da televisão, do cinema, da Internet ou das redes de comunicação que esta estabelece, etc... E, para uma autêntica literacia, se é importante saber validar a informação escrita, não é menos pertinente saber olhar criticamente uma imagem; saber identificar algumas das suas estratégias e alguns de seus objetivos; tomar consciência do contexto onde ela se produziu e do público que quer atingir. (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, p. 80)

Dessa forma, é fundamental compreender as mensagens do rádio e da televisão, que, atualmente, convergem diretamente para a internet.

Corroborando com o pensamento de Pretto e Silveira:

Desafios postos, torna-se necessário ir além desses obstáculos e considerar as possibilidades de transformação social a partir da produção de informação e conhecimento; no contexto da cultura digital, é evidenciar o forte vínculo entre cultura e educação, condição necessária para que as mudanças se dêem de modo irreversível e significativo. (PRETTO; SILVEIRA, 2008, p. 80).

Finalizando, a prática da técnica do jornal escolar digital elimina as etapas finais de produção e impressão dos resultados alcançados, eliminando custos com a impressão e sendo compartilhados com o público de forma *online*, rápida e abrangente. Com isso, aumenta, também, a responsabilidade com a mensagem distribuída, por isso, e com isso, compromete-se mais diretamente com o letramento informacional dos envolvidos no processo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo prima pela conscientização da importância da prática pedagógica da técnica do Jornal Escolar para o letramento informacional de futuros educadores, na condição de educadores, que farão o perpetuar desta prática ao longo de sua vida profissional.

Libâneo (2002, p. 166) afirma que “[...] a educação escolar significa prover os meios de compreender o mundo, compreender a realidade, e de transformá-la”. Tudo isso depende de compreender e produzir comunicação. Depende, então, de formar educadores. Com isso, reafirmamos que, na formação de educadores, torna-se fundamental e necessário desenvolver o letramento informacional.

Uma formação para a leitura e interpretação crítica exige o saber lidar com a informação. Por isso, a prática do Jornal Escolar no letramento informacional de futuros educadores é importante, também, para que se sintam confortáveis em reutilizar, readaptar e aplicar produtivamente esta atividade educativa na sua prática profissional de forma consciente, organizada e com amplitude transdisciplinar, para o melhor aproveitamento dos conhecimentos produzidos com a técnica.

Educar é incluir! “Letrar”, informacionalmente, é incluir com abundantes chances de progresso. É prover o futuro educador de autonomia, crítica, social, política e tecnológica.

O letramento informacional é uma prioridade para além da inclusão social ou digital, é necessidade intrínseca para a leitura do mundo (digital), do ser e sua condição humana ativa e participativa. Com a prática do jornal escolar é possível alcançar tal objetivo e ir além, para emancipação do aluno de encontro à sua consciência de uma educação permanente. É reconhecer a tecnologia como saber necessário à sua condição humana e para realização de suas necessidades produtivas, e não apenas como ferramenta comunicação pessoal ou de lazer. Pois, isso, é condição essencial

para minimizar as “exclusões” que levam à alienação na busca, na seleção, (re) produção e no compartilhamento de informação e conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRUCE, Christine Susan. Las siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. **Anales de Documentación**, n. 6, Universidad de Murcia Espinardo, España. 2003, p. 289-294. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63500619>. Acesso em: 21, out. 2015.

FREINET, Celéstin. **O Jornal Escolar**. Tradução de Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editora Estampa Ltda, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40° Reimpressão. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento Informacional: Pesquisa, Reflexão e Aprendizagem**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação /Universidade de Brasília, 2012.

GRÀCIA, Josep Vives i. La alfabetización informacional: una alfabetización pendiente em la era digital. In: MIRANDA, Antonio. SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. p. 69-77.

JORNAL ESCOLAR. **Quem Somos**. Comunicação e Cultura. Fortaleza/CE. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/quem-somos-contato/>. Acesso em: 24, Jul. 2018.

LIBÂNIO, José Carlos. As tecnologias da Comunicação e Informação e a Formação de Professores. In: VALE, José Misael Ferreira; MAGNONI JR, Lourenço; LUCCHI, Elian Álabi; MAGNONI, Maria da Graça Mello; (Org.). **Escola Pública e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Saraiva/Atual, 2002.

MATTAR, João. **Web 2.0 e Redes Sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013

MOREIRA, J. António; MONTEIRO, Angélica (orgs.). **Ensinar e aprender online com tecnologias digitais**. Abordagens teóricas e Metodológicas. Porto, Portugal: Editora Porto, 2012.

PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAVILOLO, Daniel. **Pedagogia para o Jornal Escolar**. Comunicação e Cultura. Fortaleza, 2012. Disponível em: http://www.jornalescolar.org.br/?file_id=pedagogia-para-o-jornal-escolar-3011-12.pdf. Acesso em: 24, Jul. 2018.

VALENTE, Carlos. MATTAR, João. **Second life e web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias**. São Paulo: Novatec, 2007.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-013-1

